

**A CLÍNICA PSICANALÍTICA DE CASAL E FAMÍLIA EM SERVIÇO-ESCOLA:
PANORAMA DA ATUAÇÃO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO (2020-2025)**

André Alves Brasil¹

Maíra Bonafé Sei²

Rafaela Valentini Ortega Ruiz³

Raíssa Mendonça de Carvalho⁴

RESUMO

O presente trabalho apresenta um panorama da atuação do projeto de extensão “Clínica Psicanalítica de Casal e Família” da Universidade Estadual de Londrina, entre dezembro de 2020 e agosto de 2025. O objetivo foi construir uma visão consistente sobre o alcance, desafios e especificidades da prática clínica dentro do período analisado. Utilizou-se uma metodologia quanti-qualitativa: os registros de inscrições e atendimentos foram tratados com recursos da linguagem estatística R e posteriormente articulados à literatura sob o referencial psicanalítico. Ao longo do período analisado, foram registradas 87 inscrições, com 40 casos iniciados, sendo sete atendimentos familiares e 33 de casal. Os resultados demonstram um elevado número de desistências antes do início da psicoterapia e alto índice de desistência entre a primeira e oitava sessão, o que pode ser interpretado como expressão da resistência ao processo terapêutico vincular. Os dados analisados também demonstram que os jovens e adultos constituem a maior parte do público atendido pelo projeto, com uma baixa adesão por parte da população idosa, ficando como sugestão de temática para pesquisas futuras. Conclui-se que, apesar dos desafios, a potência do projeto se manifesta em seu alcance nos atendimentos oferecidos à comunidade, respondendo a uma demanda social em consonância com o compromisso universitário na extensão. Ressalta-se, ainda, seu papel fundamental na formação acadêmico-profissional, sustentando-se na indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

1

Palavras-chave: casal e família; psicanálise; serviço-escola.

ABSTRACT

This paper presents an overview of the activities of the extension project "Clinical Psychoanalytic Therapy for Couples and Families" at the State University of Londrina, conducted between December 2020 and August 2025. The objective was to construct a consistent overview of the scope, challenges, and specificities of clinical practice during the analyzed period. A quantitative and qualitative methodology was used: registration and service records were processed using R statistical language resources and subsequently linked to the literature within the psychoanalytic framework. During the analyzed period, 87 registrations

¹ Graduando do 5º ano de psicologia pela Universidade Estadual de Londrina, andre.alves.brasil@uel.br

² Mestrado, Doutorado e Pós-Doutorado em Psicologia Clínica pelo IP-USP, Professora Associada do Departamento de Psicologia e Psicanálise da Universidade Estadual de Londrina, mairabonafe@uel.br

³ Graduanda do 5º ano de psicologia pela Universidade Estadual de Londrina, rafaela.valentini@uel.br

⁴ Graduanda do 5º ano de psicologia pela Universidade Estadual de Londrina, raissa.mendonca@uel.br

were recorded, with 40 cases initiated, seven for family therapy and 33 for couples. The results demonstrate a high number of dropouts before the start of psychotherapy and a high dropout rate between the first and eighth sessions, which can be interpreted as an expression of resistance to the bonding therapeutic process. The data analyzed also demonstrate that young people and adults constitute the majority of the project's target audience, with low participation among the elderly population. This suggests a topic for future research. The conclusion is that, despite the challenges, the project's potential is evident in its reach in the services it offers to the community, responding to a social demand aligned with the university's commitment to outreach. Its fundamental role in academic and professional development is also highlighted, based on the inseparability of teaching, research, and outreach.

Keywords: couples and families; psychoanalysis; teaching service.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a clínica psicanalítica privilegiou o sujeito em sua singularidade, deixando em uma zona de menor visibilidade a complexa rede de afetos onde o sofrimento emerge e se sustenta. Essa abordagem, embora fundamental, tem seus limites questionados no pós-Segunda Guerra Mundial, incentivando, por volta de 1950, os primeiros trabalhos com grupos, casais e famílias. No Brasil, esse movimento ganhou contornos próprios a partir dos anos 1970, com a formação de núcleos de estudos em São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre, impulsionados por trocas com psicanalistas europeus, americanos e, sobretudo, argentinos (Lopes *et al.*, 2021).

Nesse cenário, a vinda de psicanalistas argentinos, como Isidoro Berenstein e Janine Puget, foi pioneira na difusão da psicanálise vincular no Brasil. Posteriormente, os textos de autores franceses, como René Kaës, ganharam destaque, introduzindo no debate nacional temas como a transmissão psíquica entre gerações e as alianças inconscientes, enriquecendo ainda mais o panorama teórico da psicanálise de casal e família no país (Lopes, *et al.*, 2021). Tal perspectiva modifica a prática clínica, pois, segundo Santos *et al.* (2017, p. 54), “Na clínica vincular o psicoterapeuta dirige sua atenção justamente para esse espaço no qual os sujeitos criam uma forma de se relacionar, constituindo uma trama ou rede de conexões na qual se entrecruzam aspectos conscientes e inconscientes”. Partindo do pressuposto de que o sofrimento está atrelado às dinâmicas relacionais, a psicanálise vincular desloca o foco analítico do intrapsíquico para a dimensão intersubjetiva. A análise se concentra, portanto, no material

que emerge “entre” os sujeitos, onde o vínculo se manifesta como uma produção contínua de subjetividades (Levisky, 2021).

Frente ao deslocamento do foco para a dimensão intersubjetiva, a clínica psicanalítica individual é interpelada por seus limites. Urge, assim, a necessidade de um dispositivo grupal e, ao mesmo tempo, psicanalítico, capaz de acolher e tratar as dinâmicas vinculares (Benghozi, 2014). Frente a essa demanda, avaliou-se a necessidade de oferecer este serviço à comunidade por meio da ação universitária, considerando o compromisso social da universidade com as necessidades coletivas. Por meio da extensão, torna-se possível impactar o contexto social e promover melhorias, a partir da interlocução entre a prática e o conhecimento acadêmico.

Segundo Gonçalves (2016), o princípio da indissociabilidade estabelece que ensino, pesquisa e extensão estão intrinsecamente interligados, constituindo dimensões de uma única práxis acadêmica. Sendo assim, as demandas sociais identificadas na extensão geram inquietações que alimentam a pesquisa, e o conhecimento produzido por essa investigação, por sua vez, enriquece e atualiza o ensino. Esse fluxo contínuo assegura que a formação acadêmica se mantenha conectada às realidades sociais e que o saber produzido seja socialmente relevante. De acordo com Silva (2016):

É por meio da compreensão de que a Universidade se insere em um território que apresenta problemas sociais diversos de outros, que o tripé formado por Ensino, Pesquisa e Extensão pode atuar sobre essa realidade e responder aos problemas que o diálogo com os diversos segmentos da sociedade lhe permitirão identificar (Silva, 2016, p. 38).

Nesse contexto, sustentando-se na indissociabilidade ensino-pesquisa-extensão, o projeto de extensão 2769 “Clínica Psicanalítica de Casal e Família na Clínica Psicológica da UEL” oferta psicoterapia psicanalítica a casais e famílias da comunidade interna e externa à universidade e, ao mesmo tempo, contribui para a formação profissional e acadêmica de estudantes e psicólogos colaboradores. A viabilização desta prática conta com o suporte da Clínica Psicológica da Universidade Estadual de Londrina, que realiza o gerenciamento das inscrições atreladas ao projeto e o fornecimento de material para o atendimento.

A atuação do projeto se dá principalmente por meio de uma prática clínica supervisionada, onde cada sessão requer a escrita de um relato que vai além da descrição de fatos, buscando expressar a dimensão emocional e inconsciente da sessão. A supervisão, um pilar essencial para a formação, funciona como um espaço de trocas e construção de

conhecimento coletivo. Segundo Dias (2021, p. 89), “o eixo da supervisão é fundamental porque tece, de modo singular, a articulação teórico-clínica”.

Os atendimentos são conduzidos por estudantes de Psicologia do quarto e quinto ano, discentes de pós-graduação ou colaboradores externos. Os terapeutas adotam uma escuta psicanalítica atenta aos conteúdos latentes e inconscientes do vínculo, assim como às manifestações transferenciais e contratransferenciais. Tenciona-se, assim, proporcionar um ambiente seguro onde todos os participantes possam expressar seu sofrimento. O processo se inicia com uma triagem estendida, apoiada no uso de recursos mediadores, em especial os artístico-expressivos, como a linha da vida, o genograma e o espaçograma. Tais recursos funcionam como atividades de comunicação não-verbal, que possibilitam a circulação de afetos e vias de acesso a conteúdos inconscientes (Franco; Almeida; Sei, 2016). Esses instrumentos oferecem suporte para a condução dos atendimentos, além de serem especialmente úteis para terapeutas em formação. Conforme Sei (2017), o uso de técnicas mediadoras viabiliza esse processo, incentivando a participação em uma produção coletiva que diz respeito ao aparelho psíquico do grupo, ao mesmo tempo que descentraliza o foco no paciente identificado da queixa.

4

O projeto, em funcionamento desde 2012, teve como ponto de partida o referencial teórico da psicanálise winnicottiana ao se considerar o lugar da criatividade para o viver saudável, propondo o uso de recursos artístico-expressivos como mediadores para os processos de comunicação e elaboração nas sessões. Incorporava também contribuições de pesquisadores brasileiros vinculados ao campo da psicoterapia psicanalítica de casal e família, quais sejam, Magdalena Ramos, Isabel Cristina Gomes e Terezinha Féres-Carneiro (Mills, 2024). Por fim, as práticas desenvolvidas consideravam, adicionalmente, as contribuições de psicanalistas argentinos e franceses como Berenstein (1988), ao se pensar no lugar da família face aos transtornos mentais ou nos parâmetros definitórios do casal, proposta delineada com Puget (Puget; Berenstein, 1993), Eiguer, em suas considerações acerca da transmissão psíquica (Eiguer, 1998) ou das proposições para condução da entrevista familiar (Eiguer, 1985), e Käes (2011), ao refletir sobre as alianças inconscientes e transmissão psíquica geracional.

Ao longo de mais de uma década de atuação, o projeto acumulou o registro de centenas de casos, resultado da demanda constante da comunidade e do compromisso com a oferta de atendimentos. No entanto, a ausência de ferramentas sistemáticas para o cruzamento e a análise desses dados limitava a possibilidade de construir uma visão abrangente sobre o impacto e a

trajetória do trabalho realizado. Diante dessa lacuna, optou-se por realizar um levantamento detalhado das informações registradas entre dezembro de 2020 e agosto de 2025, tencionando a produção de um panorama amplo e consistente da atuação do projeto de extensão, bem como construir uma compreensão mais aprofundada sobre o alcance, os desafios e as especificidades da prática clínica desenvolvida ao longo desse período.

2 METODOLOGIA

O presente artigo consiste em uma análise quali-quantitativa dos dados coletados entre dezembro de 2020 e agosto de 2025, armazenados nos registros de inscrições e atendimentos realizados pelo projeto. A sistematização desses dados permitiu observar tendências e padrões de funcionamento ao longo do período, os quais foram posteriormente articulados à literatura da área, de modo a possibilitar uma compreensão mais aprofundada dos fenômenos identificados. A fundamentação teórica adotada permanece a mesma que orienta a prática clínica do próprio projeto, ou seja, a psicanálise vincular.

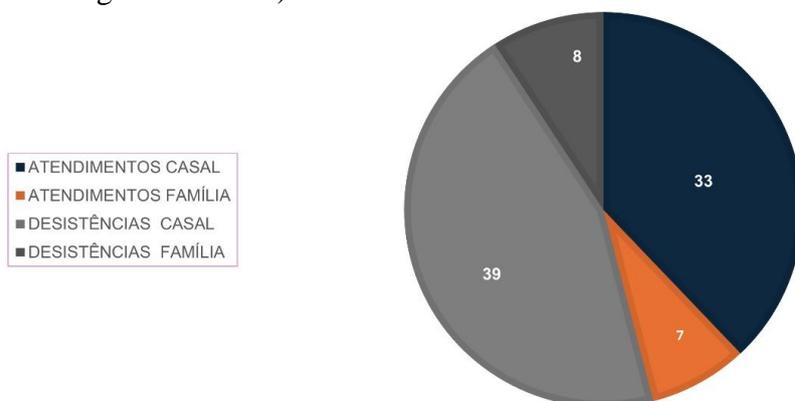
Para a organização, tratamento e visualização dos dados, foram utilizados recursos da linguagem estatística R, por meio do ambiente de desenvolvimento RStudio. O processamento contou com o auxílio dos pacotes *Tidyverse*, *readxl*, *dplyr* e *ggplot2*, que possibilitaram tanto a manipulação das bases quanto a elaboração dos gráficos

5

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

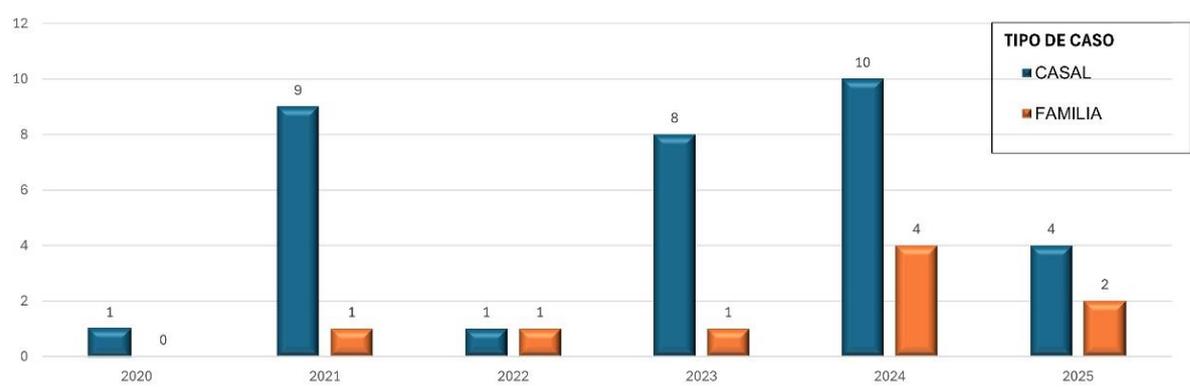
Ao longo dos últimos cinco anos de atuação, o projeto registrou um total de 87 inscrições provenientes da comunidade. Destas, 40 casos foram efetivamente iniciados, distribuídos entre 33 atendimentos na modalidade de casal e sete na modalidade familiar. Os casos não iniciados, classificados como “desistências”, correspondem às situações em que a inscrição foi realizada por um dos interessados no atendimento vincular, mas o processo foi interrompido antes da primeira sessão de triagem.

Figura 1 - Número total de atendimentos de casal, famílias e desistências (período dezembro de 2020 - agosto de 2025)



Fonte: Elaboração Própria

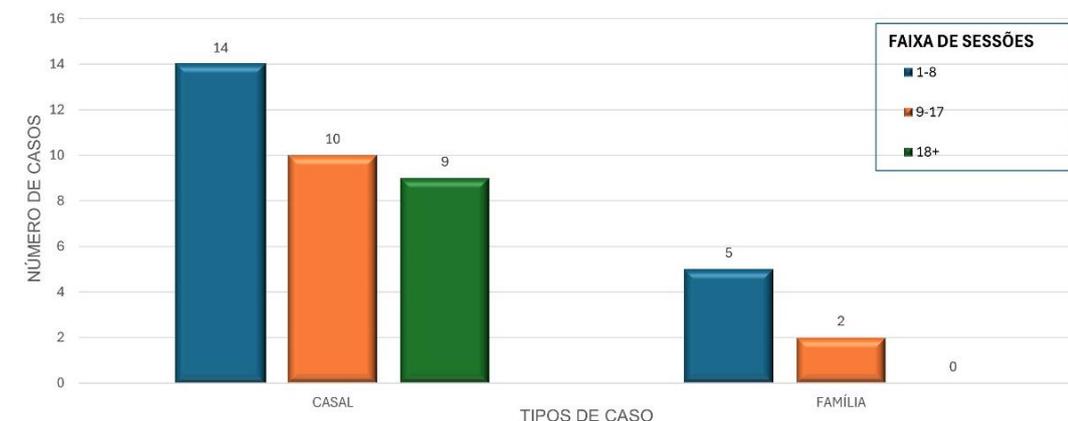
Figura 2 - Distribuição dos casos por ano e categoria



Fonte: Elaboração Própria

Estes dados refletem um amplo alcance do projeto, traduzido em um grande número de casais e famílias contemplados pelo serviço, ao mesmo tempo que evidencia a alta taxa de desistências antes do início dos atendimentos. Dentre os motivos para as desistências, destacam-se a falta de disponibilidade de horários entre pacientes e terapeutas e a perda de interesse pela terapia durante o tempo de espera entre se inscrever e ser chamado. Cita-se também situações onde um cônjuge inscreveu o casal sem consultar o parceiro, que se recusou a participar ao saber do atendimento.

Figura 3 - Frequência de sessões por tipo de caso (casal ou família)



Fonte: Elaboração Própria

Para a organização dos números de sessões de cada caso (Figura 3), estabeleceram-se três categorias de frequência: até oito sessões, realizadas com frequência semanal - ou seja, atendimentos que duraram aproximadamente dois meses; de nove a 17 sessões, realizadas com frequência semanal (atendimentos com duração entre três e quatro meses); e casos com mais de 18 sessões, ultrapassando quatro meses de duração.

Desse modo, ao analisarmos o número de casos em cada categoria de frequência, observa-se que muitos casos se encerram entre a primeira e a oitava sessão. Esse fato, aliado ao grande número de desistências visto acima (Figura 1), pode ser interpretado como uma expressão das resistências levantadas pelo sujeito e pelo vínculo perante o atendimento clínico, especialmente ao considerarmos as particularidades de uma intervenção familiar.

Para a psicanálise, o termo “resistência” designa as atitudes e reações do paciente que dificultam a análise (Roudinesco; Plon, 1998). Se em um atendimento individual, as resistências do paciente já podem configurar um desafio para o psicoterapeuta, especialmente no contexto de um serviço escola, o atendimento vincular é permeado de expressões ainda mais complexas da resistência. Um dos motivos para isso, primeiramente, é que o reconhecimento da família de sua enfermidade dificilmente acontece (Zuanazzi; Sei, 2014). Diferentemente da psicoterapia individual, na qual o paciente geralmente busca o acompanhamento por iniciativa própria e reconhece sua demanda, o atendimento vincular envolve múltiplos participantes, nem todos conscientes ou dispostos à necessidade de mudança. Na maioria das vezes, o atendimento é requisitado por causa de um único membro, o dito “paciente identificado”, apontado como a causa de todos os problemas familiares/conjugais (Sei, 2021). Ao serem confrontados com o

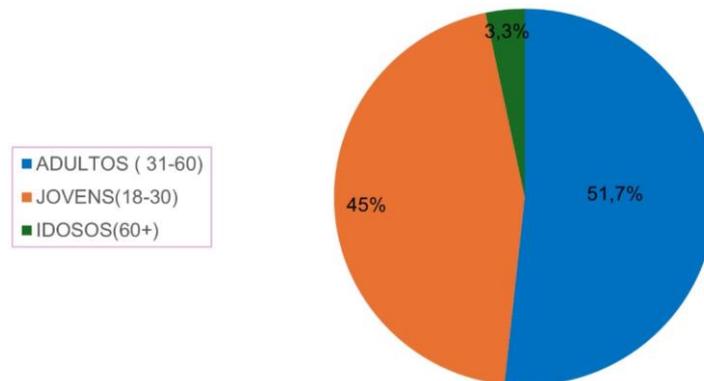
fato de que a psicoterapia de casal/família deve implicar todos os participantes, muitos pacientes desistem do tratamento.

Somado a isso, o processo terapêutico vincular tende tornar explícitos os mecanismos de funcionamento, fantasias e alianças inconscientes que estruturam o aparelho psíquico familiar, expondo dinâmicas que, muitas vezes, permanecem ocultas no cotidiano do grupo (Santos *et al.*, 2017). Essa exposição pode ser percebida pelos participantes como uma ameaça à estabilidade do sistema familiar, que reage negativamente ao tratamento mesmo quando determinadas configurações relacionais são reconhecidas como patológicas e/ou prejudiciais a seus membros (Ramos, 2006).

Assim, o atendimento vincular requer do terapeuta sensibilidade para lidar com a defesa coletiva e estratégias que favoreçam a abertura e o engajamento progressivo do grupo - como é o caso dos recursos mediadores descritos anteriormente. Nos casos de casal, observa-se que, uma vez vencida a resistência inicial, há um maior engajamento

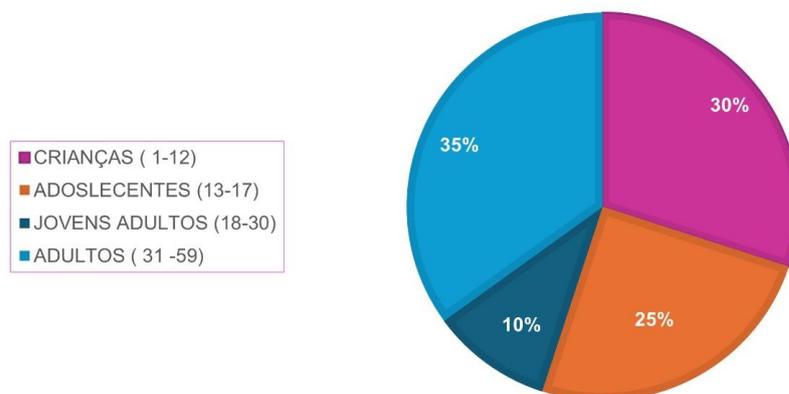
Além de dados sobre frequência, adesões e números de sessões, mensurou-se ainda a idade dos pacientes por faixa etária (Figuras 4 e 5).

Figura 4 - Idade dos participantes por faixa etária - Atendimento de Casal



Fonte: Elaboração Própria

Figura 5 - Idade dos Participantes por Faixa Etária - Atendimento Familiar



Fonte: Elaboração Própria

A maior parte dos participantes encontra-se na faixa etária abaixo dos 30 anos, englobando tanto crianças e adolescentes, no contexto dos atendimentos familiares, quanto casais de jovens adultos. Em contraste, observa-se que os idosos constituem o grupo menos presente nos atendimentos: representam menos de 4% dos pacientes em terapia de casal e não foram identificados em nenhum atendimento familiar.

Esse dado chama a atenção para a baixa procura de pessoas idosas por esse tipo de acompanhamento, o que nos leva a refletir sobre como diferentes gerações compreendem e atribuem sentido à psicoterapia e, em especial, ao atendimento vincular. Tal constatação evidencia uma lacuna importante e aponta para a necessidade de novos estudos que aprofundem a relação entre envelhecimento, vínculos familiares e busca por cuidados psicológicos, configurando-se como uma sugestão para pesquisas futuras.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A produção deste panorama da atuação do Projeto de extensão “Clínica Psicanalítica de Casal e Família” permitiu aprofundar a compreensão sobre o alcance, desafios e as especificidades da clínica vincular no serviço-escola de Psicologia.

De acordo com Ribeiro (2011, p. 82), “a extensão tem sido apontada como um significativo mecanismo de aproximação da universidade com a sociedade”. Os dados apresentados evidenciam as contribuições do projeto para a comunidade externa, materializadas

na realização de diversos atendimentos ao longo dos anos, de maneira contínua e consistente, reafirmando seu compromisso com a extensão universitária.

O alcance do projeto é refletido no total de 87 inscrições registradas, das quais 40 casos foram efetivamente iniciados, sendo 33 atendimentos de casal e sete de família. Contudo, este dado é confrontado pela alta taxa de desistência antes do início dos atendimentos e tendência de encerramento dos casos entre a primeira e a oitava sessão.

A partir do referencial psicanalítico, compreende-se o alto número de desistências e encerramentos até a oitava sessão como expressão da resistência (Roudinesco; Plon, 1998). O processo terapêutico, expõe dinâmicas e alianças inconscientes que podem ser interpretadas como ameaça à estabilidade do grupo familiar, dificultando a adesão à psicoterapia. Por vezes a demanda parte de um único membro, “o paciente identificado” (Sei, 2021), e o confronto com a necessidade de implicação de todos participantes pode levar a interrupção do processo terapêutico.

Enquanto jovens e adultos constituem a maioria do público atendido, os dados apontam para uma expressiva lacuna no que se refere à população idosa. A presença deste grupo foi residual nos atendimentos, representando menos de 4% dos atendimentos de casal e nenhum caso registro nos atendimentos de família, indicando uma lacuna e necessidade de estudos que aprofundem o envelhecimento e a busca pelos serviços de atendimento psicológico.

Apesar dos avanços na compreensão do panorama da atuação do projeto, é importante reconhecer as limitações deste trabalho. Os dados concentram-se no período de dezembro de 2020 a agosto de 2021, e é atravessado por um fato histórico significativo: a pandemia da COVID-19, configurando um cenário atípico que influencia os dados coletados entre 2020 e 2021.

A pandemia da COVID-19 levou o serviço-escola a suspender por dois anos os atendimentos presenciais e, com isso, o projeto de extensão suspendeu a psicoterapia familiar, dada a complexidade de inserção da criança nas sessões on-line, especialmente tendo em vista que os terapeutas eram majoritariamente estudantes de Psicologia ainda em formação. Com isso, foi mantida a psicoterapia de casal (Gouveia; Sei, 2022), onde os participantes expressavam-se prioritariamente por meio da linguagem verbal, reverberando em um número superior de casais atendidos ao se comparar com o número de famílias atendidas no período.

Desse modo, o panorama produzido expõe a potência e os desafios do serviço-escola, visíveis respectivamente, no número de inscritos e alta taxa de desistência. Esses achados abrem

um campo de interrogações para o projeto e possibilitam novas reflexões sobre seus rumos e estratégias de atuação.

REFERÊNCIAS

- BENGHOZI, Pierre. O surgimento da terapia familiar psicanalítica no Brasil: A malhagem mestiça. In: *Diálogos Psicanalíticos sobre Família e Casal: as vicissitudes da família atual*. Vol.2. Tradução de Marta D. Claudino. São Paulo: Zagodoni Editora, 2014. p. 11-13.
- BERENSTEIN, I. *Família e doença mental*. São Paulo: Escuta, 1988.
- DIAS, Helena Maria Melo. Reflexões sobre o lugar da supervisão na psicanálise. *Estudos de Psicanálise*, Belo Horizonte, n. 56, p. 85-91, dez. 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372021000200008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 set.2025.
- EIGUER, Alberto. A parte maldita da herança. In: EIGUER, Alberto (Org.). *A transmissão do psiquismo entre gerações: enfoque em terapia familiar psicanalítica*. São Paulo: Unimarco Editora, 1998. p. 21-84.
- EIGUER, Alberto. *Um divã para a família*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FRANCO, Ricardo da Silva; ALMEIDA, Marisa Cássia Subtil de; SEI, Maíra Bonafé. Recursos artístico-expressivos na terapia familiar: um estudo teórico-clínico. *Revista de Psicologia da UNESP*, Assis, v. 15, n. 1, p. 40-52, jun. 2016. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-90442016000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 set. 2025.
- GONÇALVES, Nadia Gaiofatto. Indissociabilidade entre Ensino, Pesquisa e Extensão: um princípio necessário. *Perspectiva*, 33(3), 1229-1256, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-795X.2015v33n3p1229>. Acesso em 17 set. 2025.
- GOUVEIA, Eloisa Carlucci; SEI, Maíra Bonafé. Extensão universitária pré e pós-pandemia: retratos da psicoterapia de casal na Clínica Psicológica da UEL. *Anais do 40º Seminário de Extensão Universitária da Região Sul – 40º SEURS*. Disponível em: <https://portaleventos.uffrs.edu.br/index.php/seurs/article/view/17754/12037>. Acesso em: 16 set. 2025.
- KAËS, Rene. *Um singular plural: A psicanálise à prova do grupo*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.
- LEVISKY, Ruth Blay. Psicanálise vincular. In: LEVISKY, Ruth Blay; DIAS, Maria Luiza; LEVISKY, David Léo. *Dicionário de psicanálise de casal e família*. São Paulo: Blucher, 2021. p. 439-444.

LOPES, Almira Rossetti; LEVISKY, David Léo; DIAS, Maria Luiza; PENNACCHI, Rosely; LEVISKY, Ruth Blay. Breve histórico da psicanálise de casal e família no Brasil. In: LEVISKY, Ruth Blay; DIAS, Maria Luiza; LEVISKY, David Léo. *Dicionário de psicanálise de casal e família*. São Paulo: Blucher, 2021. p. 21-32.

MILLS, Henry Derwood. *Clínica Psicanalítica de Casal e Família na Universidade Estadual de Londrina: um manual*. Londrina: UEL, 2024.

PUGET, Janine; BERENSTEIN, Isidoro. *Psicanálise do casal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

RAMOS, Magdalena. *Introdução à Terapia Familiar*. São Paulo: Claridade, 2006.

R CORE TEAM. *R: A language and environment for statistical computing*. Vienna: R Foundation for Statistical Computing, 2021. Disponível em: <https://www.R-project.org>. Acesso em 17 set. 2025.

RIBEIRO, Raimunda Maria da Cunha. A Extensão Universitária como indicativo de responsabilidade social. *Revista Diálogos: Pesquisa em Extensão Universitária*. Brasília, v.15, n.1, pg. 81-88, jul 2011.

RSTUDIO TEAM. *RStudio: Integrated Development Environment for R*. Boston: RStudio, Inc., 2019. Disponível em: <http://www.rstudio.com/>. Acesso em 17 set. 2025.

12

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. *Dicionário de psicanálise*. Tradução de Denise Rattner, entre outros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

SANTOS, M. A.; CIANI, T. A.; PILLON, S. C.; VEDANA, K. G. G.; MIASSO, A. I.; SOUZA, J.; COLLETI, M.; RISK, E. N.; MAÇARANDUBA, P. E. R.; OLIVEIRA-CARDOSO, É. A. Clínica das configurações vinculares: do estabelecimento do vínculo terapêutico às transformações possíveis. *Vínculo – Revista do NESME*, v. 14, n. 2, 2017. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902017000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 17 set. 2025.

SEI, Maíra Bonafé. Paciente identificado/porta-voz/porta sintoma In: LEVISKY, Ruth Blay; DIAS, Maria Luiza; LEVISKY, David Léo. *Dicionário de psicanálise de casal e família*. São Paulo: Editora Blucher, 2021. p. 377-379.

SILVA, Wagner Pires da. *As ações de extensão na construção de uma universidade sertaneja*. 2016. 135f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

WICKHAM, H. *ggplot2: Elegant Graphics for Data Analysis*. New York: Springer, 2016.

WICKHAM, H.; BRYAN, J. *readxl: Read Excel Files (versão 1.4.5)*. R package, 2025. Disponível em: <https://readxl.tidyverse.org>. Acesso em 17 set. 2025.

ZUANAZZI, Ana Carolina; SEI, Maíra Bonafé. Psicoterapia familiar psicanalítica: reflexões

sobre os fenômenos transferenciais e contratransferenciais em um serviço-escola de psicologia. *Vínculo*, São Paulo, v. 11, n. 1, p. 16-24, jun. 2014. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1806-24902014000100004&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 set. 2025.